

A ESCOLA, OS (AS) JOVENS LGBTs E OS AMPAROS SOLIDÁRIOS DAS TRIBOS: OLHARES POSSÍVEIS A PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DE MAFFESOLI.

Ednaldo Andrade Barros

Mestrando em Educação Culturais e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ, Professor das Redes Municipais de Ensino de Recife –PE e São Lourenço da Mata -PE .-barroes@hotmail.com

Hugo Monteiro Ferreira

*Doutor em Educação pela UFRN, professor do Departamento de Educação da UFPE/PPGECI/GETIJ-Recife-PE-
hmonteiroferreira@ yahoo.com.br*

Resumo

Este estudo investiga as relações dos (das) jovens LGBT no espaço escolar e a busca pelas “tribos” na tentativa se sentirem aceitos (as) e fortalecidos (as) na manutenção de seus traços identitários. Tal estudo se baseia na perspectiva sociológica de Maffesoli. O objetivo principal deste estudo é: Compreender a dinâmica da solidariedade das tribos no amparo aos que são rejeitados por serem diferentes. E como objetivos específicos, apresentamos os seguintes: 1)- Analisar os discursos dos (as) jovens LGBTs que tiveram nas tribos a solidariedade que precisavam nos momentos de fragilidades; -2) Investigar como essas tribos surgem e são organizadas no espaço escolar a partir do local de fala de quem as integra e 3)-refletir sobre como os profissionais da educação entendem essas tribos na escola. A pesquisa realizada é de caráter qualitativo. Utilizamos como principal instrumento de coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas. Como principais resultados, destacamos a informação de que a busca por grupos ou tribos acontece numa tentativa clara e consciente dos (das) jovens de se manterem na escola e garantir também maior participação nas decisões da escola no que diz respeito a questões que envolvam todos os estudantes. O estudo também nos permite concluir que os (as) jovens se sentiram mais seguros na escola e fora dela e muitos desses grupos são extensivos nas relações sociais para além dos muros da escola e que em alguns casos houve adesão a outros grupos de estudos acerca das diversidades sexuais que lutam pelo direito à educação de todos (as). Concluímos também que a adesão desses jovens às tribos tem fortalecido os (as) jovens LGBT, e tal fortalecimento tem impulsionado a eles tentarem garantir espaços de falas nos mais diversos momentos de discussões dentro da escola.

Palavras-chave: Educação, Jovens LGBTs, Tribos, Respeitos à diversidade.

Introdução

É tempo de solidariedades. Não é nova a ideia de que “a união faz a força” ou “juntos seremos mais fortes”, mas para alguns (as) jovens LGBT, contar com o apoio de um (a) semelhante tem se tornado uma ferramenta importante para a sobrevivência e vivência saudável numa sociedade que assume posturas de exclusão sem o constrangimento de outrora.

A escola enquanto instituição (in)formadora tem falhado consideravelmente na tarefa de promover encontros com os diferentes. Infelizmente temos assistido a escola legitimar as desigualdades e exclusões que a sociedade já pratica tão majestosamente. É importante já aqui destacar que este estudo não tem a intenção de jogar na escola toda a responsabilidade pelas ações de desrespeito e/ou violências que as juventudes LGBTs tenham sofrido, mas apontar caminhos possíveis para a construção de possibilidades de convivências respeitadas com o diverso no espaço escolar.

Uma pesquisa recente sobre o clima das escolas para os estudantes LGBTs aqui no Brasil¹ trouxe dados preocupantes, mas que infelizmente não nos surpreende e talvez por não nos surpreender se torne tão grave. O que estamos fazendo efetivamente para tornar nossa escola um lugar de convivências pacíficas para todos (as)? Onde e como estamos errando? É possível construirmos caminhos para o respeito mútuo entre as diferentes tribos no espaço escolar?

A fim de inteirar o leitor sobre o sociólogo que serviu de base para nosso estudo, traremos uma breve apresentação. Michel Maffesoli é um sociólogo francês reconhecido por suas análises acerca da sociedade pós-moderna, tendo como principal característica o conceito cunhado por ele de neotribalismo que dá luz a esse estudo. Para o autor, são as novas formas de enxergar os agrupamentos sociais que estão ocorrendo no contemporâneo. Maffesoli se posiciona sobre o período moderno e o período pós-moderno, destacando as principais diferenças e críticas desses dois momentos vividos pela sociedade.

Maffesoli acredita que a experiência do “Outro” é aquilo que da base à sociedade, mesmo que essa experiência apareça de forma conflituosa. Segundo o sociólogo essas tribos ou grupos para estão criando espaços especiais que se configuram como flexíveis e fortes ao mesmo tempo e que parecem estar formando um novo conhecimento social. Muitos são os critérios para a formação ou adesão às tribos contemporâneas ou neotribos, religião, time de futebol, jogos online, e no caso especificamente trabalhado pelo estudo, a questão da sexualidade e da forma como elas são encaradas na escola.

Diante desses questionamentos reflexivos, pensamos nosso estudo que traz como objetivo principal: **Compreender a dinâmica da solidariedade das tribos no amparo aos que são**

¹ Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015.

rejeitados por serem diferentes. E como objetivos específicos, apresentamos os seguintes: I- Analisar os discursos dos (as) jovens LGBTs que tiveram nas tribos a solidariedade que precisavam nos momentos de fragilidades; -II Investigar como essas tribos surgem e são organizadas no espaço escolar a partir do local de fala de quem as integra; III- refletir sobre como os profissionais da educação entendem essas tribos na escola.

Temos feito observações nas escolas e estas têm mostrado que nestes espaços a homofobia tem se expressado por meio de agressões verbais e/ ou físicas a que estão sujeitos estudantes que não se adequam à heteronormatividade. Nesse contexto, o termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo *bullying* homofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Inclusive, adotamos esse termo em nossa pesquisa de mestrado.

O norueguês Dan Olweus, que define o termo *bullying* como a exposição repetitiva de um (a) estudante a ações de agressão (físico e/ou verbal) por parte de uma ou mais pessoas com a intenção de infringir dano ou desconforto sobre a vítima (OLWEUS, 1993). Acreditamos que o conceito de *bullying* aqui no Brasil ainda está sendo construído a partir das pesquisas realizadas acerca da temática e a partir das críticas que são feitas quanto à questão da limitação da expressão para justificar o fenômeno.

Alguns estudiosos como Guacira Louro (2000), defendem que a homossexualidade pode contribuir para a evasão escolar. Nessa perspectiva, o *bullying* homofóbico tem contribuído para que os estudantes LGBTs desistam da escola por conta dos sofrimentos que os/as estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual passam constantemente. Infelizmente também têm ocorrido tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar. Dentre as pesquisas no campo da educação, destaca-se a intitulada “Juventudes e Sexualidade”, realizada pela UNESCO no ano 2000 e publicada em 2004, foi aplicada em 241 escolas públicas e privadas em 14 capitais brasileiras. Segundo resultados da pesquisa, 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter um colega de classe homossexual, 35,2% dos pais não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% dos professores afirmaram não ter conhecimento o suficiente para lidar com a questão da homossexualidade na sala de aula. (ABRAMOVAY et al., 2004).

O *bullying* é um fenômeno sorrateiro. Ele ocorre no silêncio e provoca muito sofrimento. A escola precisa estar atenta às diferenças. Tentar negá-la ou eliminá-la provocará maiores tensões. Vivemos uma época em que coexiste a tentativa de anular o diferente e aluta pelo reconhecimento das especificidades. A escola está diante um desafio. Os jovens estudantes estão em processo de formação da identidade e nessa fase fica mais fácil a abertura para o respeito às diferenças sejam quais forem suas formas apresentadas.

Metodologia

A proposta metodológica foi desenhada a partir da concepção da pesquisa qualitativa por acreditarmos ser esse modelo o mais adequado com o nosso objetivo de estudo, pois Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Esse tipo de pesquisa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na coleta de dados aplicamos um questionário com 10 perguntas, sendo seis (6) delas fechadas e quatro (4) abertas. Participaram deste estudo 15 estudantes jovens com idades entre 16 a 24 anos sendo 14 do gênero masculino e 1 do gênero feminino que afirmaram já terem sofrido discriminação por serem homossexuais no ambiente escolar e recorreram a grupos/ou tribos para se sentirem compreendidos seguros e/ou protegidos. Os participantes moram na cidade do Recife e participam de grupo na Face book chamado Fórum Juventude LGBTT Recife.

Adotamos como ferramenta metodológica para análise dos dados, a análise de conteúdo com intuito de tonar mais completa as análises e entender os resultados do estudo a que nos propomos. Recorremos a Bardin (1997), que define de forma clara tal ferramenta. O autor elucida que:

o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1997.p.42).

Seguir este caminho nos propiciou compreender com mais clareza os dados obtidos nas respostas do questionário. Alguns dos participantes nos procuraram através de mensagens privadas para dar mais detalhes das violências sofridas na escola. Acolhemos todas as solicitações e Colhemos todas as informações que julgamos necessárias e relevantes para o estudo em questão.

Resultados e discussão

Os resultados do estudo nos mostram que os jovens investigados encontraram nas tribos amparo de que precisavam nos momentos mais difíceis. Fica claro também que os jovens tinham consciência de que os grupos não eram homogêneos e que às vezes, ideias contrárias eram expostas não sendo incomuns inclusive alguns conflitos, mas a acolhida era sempre mais forte que qualquer diferença. Quanto à intervenção docente nos atos de violência sofridos pelos jovens no espaço escolar, 11 dos 15 pesquisados, ou seja, 73.33% afirmaram que os (as) professores não se sentiam seguros nas abordagens com as turmas ou apenas com os agressores após denuncia dos xingamentos, perseguições ou até mesmo agressões físicas relatos pelas vitimas. Tal dado converge para o que defende a pesquisadora canadense Deborah Britzman ao descrever muito bem as fantasias envolvidas no medo de professores (as) em abordar o tema da diversidade sexual no espaço escolar:

...existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes. (...) Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN, 1996, p. 79-80).

Dentro dessa perspectiva, os estudantes afirmaram também que quando foram vítimas de algum tipo de violência na escola recorreram ao grupo de colegas mais próximo formados por meninas héteras e homossexuais e meninos gays. Para os participantes, junto ao grupo eles se sentiam mais seguros e mais encorajados a ser quem eram. A partir desse grupo dentro da escola outros grupos eram formados com integrantes de outras escolas do bairro e depois com membros de diversas escolas da cidade. Comungando com a linha de raciocínio dos participantes, Maffesoli aponta a importância do grupo para as relações na sociedade. Para ele:

...de maneira quase animal, sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou, antes que faz com que elas se inscrevam em um grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujo diversos elementos se ajustam sob a forma de sistema sem que a vontade u a consciência tenham nisso a menor importância (MAFFESOLI, 1994 p.138).

Tal afirmativa não nega as especificidades das individualidades dos membros do grupo, mas destaca a união e acolhida das diferenças e semelhanças como ferramentas de auxílio nas relações e nos conflitos. Maffesoli (1994), ainda destaca que a constituição de microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir dos sentimentos de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação.

Ainda sobre a ação da escola frente às violências sofridas e/ou cometidas por estudantes jovens pode-se constatar através do estudo que não um diálogo com os principais personagens do fenômeno da violência. A escola precisa atentar para o que os jovens pensam acerca das violências, da escola e qual o papel da escola diante desses conflitos e tensões. A esse respeito, Abramovay (2004), defende que a escola é espaço de construção de saberes, de convivência e socialização. Nessa instituição, os jovens buscam desenvolver suas habilidades, expandir relações sociais, realizar e construir desejos, impulsos que colaboram na formatação de identidades. A escola é também lócus de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas. Embora sempre tenham existido em algum nível, manifestações de violência nas escolas, atualmente, verifica-se com maior nitidez uma tensão entre o sistema escolar e as expectativas dos jovens.

Mais precisamente sobre as violências ligadas à orientação sexual, a partir dos dados encontrados nesse estudo, fica evidente e materializado o que defende a estudiosa Guacira Louro quando nos lembra que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2000, p. 30).

Negar a homossexualidade aparece como um elemento fomentador dos conflitos no espaço escolar. A negação da existência dela não fará que ela deixe de existir como no passo de mágica. Viver nesse anonimato ou num mundo de mentiras onde o jovem precisa representar sua identidade não ocorre sem tensões conflitos ou manifestações de violência. Dentro desse contexto os jovens vão se agrupando como numa espécie de luta para se manterem a salvo mesmo estando à margem do que padrão. No caso os comportamentos heteronormativos. Assim, as tribos vão se formando como tentativa de proteção. Sobre isso Maffesoli (2004) afirma que podemos assinalar que o solidarismo ou a religião da humanidade podem servir de pano de fundo para os fenômenos grupais com os

quais somos confrontados nos tempos que correm. Isso particularmente, nos diz respeito à lógica da identidade.

Quanto a sentir vontade de desistir da escola, todos os entrevistados afirmaram ter tido esse pensamento muitas vezes. Para eles, o fato de serem ridicularizados o tempo todo, na frente dos professores, doía até mais que os xingamentos e agressões físicas sofridas nos ambientes longe dos olhos dos professores. “Era como se a violência fosse autorizada pela omissão dos professores ou o gestor da escola.” afirma um dos participantes do estudo. Quando os/as estudantes se sentem inseguros/as ou constrangidos/as na instituição educacional, pode acontecer de evitarem os locais ou as atividades específicas onde se sentem mais rejeitados/as, ou podem até sentir a necessidade de se ausentar da instituição educacional para sempre. Assim, o ambiente escolar hostil pode impactar na capacidade do/da estudante LGBT se envolver e participar plenamente na comunidade escolar.

Conclusões

O pensamento que Maffesoli (2014) traz acerca das relações neotribais está presente na neotribo que investigamos. Para ele, há um ingresso na tribo sem, no entanto, ocorrer um progresso, uma preocupação com um fim ou com um projeto futuro. Segundo o autor, as tribos das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia despendida para constituição do grupo como tal. É o que o autor denomina de “estar-junto”, no sentido de curtir o momento na sua intensidade, com prazer. Para ele, as neotribos são fluidas, possuindo alto grau de ajustamento e dispersão. Para Maffesoli, a máscara e a realização de papéis tem a função de integrar a pessoa dentro das diversas neotribos. Ela pode aparecer por meio de vestuário, da moda, de tatuagens e outros. Quanto mais se utiliza o recurso da máscara, mas se fortalece o grupo (ou a neotribo).

Nessa perspectiva, a partir dos achados do estudo é possível concluir que as redes ou tribos podem contribuir para a construção de relações solidárias dos jovens LGBTs na escola e fora dela. Pode-se concluir também que a ideia de comunidade apresentada pelos investigados se assemelha a ideia de Maffesoli quando este defende que as relações coletivas colaboram para a construção da identidade individual. A pesquisa também indicou que os jovens que procuraram os grupos por se sentirem rejeitados pela maioria buscava aceitação sem a necessidade de mudanças bruscas na sua forma de comportamento.

A análise das respostas nos permite inferir que os jovens tinham consciência das diferenças individuais do grupo/tribo que buscavam como raça, classe social posicionamento político ou credo

religioso. Isso quer dizer que não ignoravam os conflitos, mas que poderiam participar deles sem o risco de se negarem negar parece ser o preço que não estavam dispostos a pagar. Nesse sentido, a busca pelas tribos é imbuída pela necessidade de aceitação e isso dificilmente se dará sem o sentimento de pertencimento retroalimentado.

Concluimos também que a adesão às tribos, tem fortalecido os (as) jovens LGBT. Tal fortalecimento tem impulsionado esses jovens a tentarem garantir espaços de falas nos mais diversos momentos de discussões dentro da escola. Pensar a atuação desses jovens na perspectiva das tribos nos permite abrir um leque de possibilidades para construção de caminhos que ofereçam uma convivência pacífica e respeitosa nas escolas e na sociedade como um todo.

O estudo também nos mostrou que a criação desses grupos podem fortalecer os espaços democráticos participativos dentro das escolas. A busca pelo reconhecimento da diversidade e do direito a ser nos aponta caminhos para o diálogo entre os jovens estudantes os adultos profissionais da escola. Os estudantes que fazem parte desses grupos continuam fazendo parte de outros grupos com outras finalidades dentro do espaço escolar. É o que Maffesoli (1996) caracteriza como o mito da identificação, o que leva as pessoas a realizarem diferentes papéis nas mais diversas socialidades. Dessa forma:

[...] o transe ou a moda mostram-nos a pluralidade das relações que vão constituir a pessoa na sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo. Ao contrário das atitudes, das representações ou dos modos de vida que tendem a redução, a *reductio ad unum*, elas lembram em maior escala, que os gênios continuam a habitar o espírito e o corpo do homem (MAFFESOLI, 1996, p. 277).

Em outras palavras, ele considera a relação entre identidade e identificação e diz que ela se dá por meio de um processo, uma passagem. Processo esse que não deixa de ser ambíguo e é nas relações tribais, grupais e vestindo máscaras que tal passagem ocorre. Uma forma de identificação, pautada pelo mito (repetição) que assegura a convivialidade de um grupo, é o “estar-junto” à toa. O sujeito, ao longo de sua vida, modifica diversas vezes os seus gostos, sua aparência física (com o cabelo, o vestuário, a pele etc.) e suas relações com os outros.

A partir da análise dos dados, podemos afirmar que comentários LGBTfóbicos, sexistas, racistas, entre outros, podem fazer com que o ambiente educacional seja hostil para qualquer estudante. Perguntamos sobre as experiências dos estudantes LGBT no sentido de ter ouvido comentários contra pessoas LGBT e outros tipos de comentários pejorativos na instituição educacional, os mesmos afirmaram que muitos colegas não se sentiam à vontade diante dos xingamentos e agressões verbais. Alguns se posicionavam contra as piadas e comentários ofensivos e alguns relatavam o desejo de estudar numa escola onde isso não ocorresse.

A maioria dos estudantes participantes do estudo relata a utilização desenfreada de comentários LGBTfóbicos na instituição educacional, e este comportamento contribui para um ambiente de aprendizagem que é hostil para essa população. Se as autoridades da instituição educacional intervêm pouco quando ouvem comentários preconceituosos na instituição educacional, isto pode transmitir para os/as estudantes a mensagem de que os comentários LGBTfóbicos são tolerados. Além disso, pode ser que os/as próprios/as professores/as e funcionários/as estejam servindo de modelos de comportamentos inadequados e legitimando a utilização de comentários LGBTfóbicos, uma vez que a maioria dos/das estudantes já ouviram professores/as / funcionários/as da instituição educacional fazendo comentários LGBTfóbicos em algum momento.

Mas nem tudo caminha para a desolação. A sociedade brasileira vem dando demonstração que se preocupa com o bem estar dos estudantes na escola que não ignoram as múltiplas formas de violências que os estudantes estão sujeitos nesse espaço. Como exemplo dessa preocupação podemos citar a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Para tanto, no que diz respeito à educação, a lei prevê a capacitação de docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; a implementação e disseminação de campanhas de educação, conscientização e informação; a instituição de práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; a promoção da cidadania, da capacidade empática e do respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua (entre outros).

Por sua vez, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13005/2014), tem entre suas diretrizes a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, bem como a promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos e à diversidade.

Acreditamos que ações como a criação dessas tribos em consonância com as ações previstas nas leis de combate ao bullying pode ajudar a escola enquanto grupo coletivo, a encontrar meios de convivência pacífico para tod@s. Podemos citar também como uma conquista significativa para o público LGBT, a RESOLUÇÃO Nº 12, DE 16 DE JANEIRO DE 2015 da Secretaria de Direitos, Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais dou de 12/03/2015 (nº 48, seção 1, pág. 3) que estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços

sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Temos que reconhecer que a luta de muitos (as) em prol dos direitos da população LGBT começa a colher os frutos e reconhecer também que diante do contexto político mundial e local precisamos estar sempre atentos para a construção de uma sociedade com menos injustiça social e a escola pode e deve ser um local de propagação da igualdade de direitos.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan/jun 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2014.

_____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança de paradigma social. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004.

_____. Pós-moderno: da identidade às identificações. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 97-102, jan./abr. 2007.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we do*. Oxford: Blacwell Publishing, 1993.